

CONCEPÇÕES DE CORPO E GÊNERO DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLITPLA

Roberta de Oliveira Maisatto – UFMS/CPAN

A presente pesquisa buscou uma aproximação com a visão de crianças com deficiência intelectual sobre os temas: corpo e gênero. A análise das concepções que as crianças expressaram em ilustrações, falas e atitudes durante as atividades da pesquisa de campo, partiram das contribuições dos Estudos foucaultianos, dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais. O presente artigo tem o objetivo de apresentar alguns resultados e discussões de uma pesquisa que possibilitou o diálogo com um grupo de crianças diagnosticadas com deficiência intelectual, com idades entre oito e doze anos, de uma escola especializada de um município do interior de Mato Grosso do Sul.

Foram convidadas/os a participar da pesquisa cinco meninas e oito meninos. Todas as meninas convidadas participaram dos encontros, sendo que apenas um dos meninos convidados não compareceu às atividades. Portanto, participaram das atividades um total de doze crianças. O número desigual de meninas e meninos pode ser justificado pelo fato de que a quantidade de meninos encaminhados para os serviços de educação especial identificados com a deficiência intelectual ser superior ao número de meninas encaminhadas (GONZALEZ, 2010). Porém, há outras possibilidades de entender estes dados, uma delas é de que os meninos podem apresentar comportamentos considerados “não adequados” ao cenário escolar. Isto acarretaria um número maior de encaminhamentos de meninos para serviços especializados, mesmo sem serem diagnosticados com a deficiência intelectual (GONZALEZ, 2010).

A pesquisa teve como questões: Quais concepções o grupo de crianças tem sobre gênero? Como essas crianças se expressam sobre os corpos? O que as crianças falam sobre estes temas? Por que e com quais representações? Como se identificam ou não com as normas de gênero?

A metodologia da pesquisa de campo foi baseada na Sociologia da Infância e em estudos brasileiros sobre Pesquisas com Crianças. A pesquisa de campo aconteceu em seis encontros, distribuídos na primeira quinzena do mês de dezembro de 2012, sendo realizada na instituição educativa em que as crianças estudavam, no período matutino. O lugar escolhido para realização da pesquisa foi uma escola especializada no atendimento às crianças, adolescentes e adultos com deficiência intelectual e múltipla desse município. A preferência por esse espaço deu-se no sentido de que neste lugar estavam as crianças com as quais

queríamos trabalhar. Já que, nesta instituição apenas são matriculadas/os alunas/os diagnosticadas/os com alguma deficiência, sendo elas: intelectual, física, visual, auditiva ou múltipla¹.

Durante os encontros da pesquisa empírica foram realizadas atividades que propiciaram a fala do grupo de crianças, indicando algumas representações acerca dos temas corpo e gênero em situações concretas. Dessa forma, as crianças desenharam meninas e meninos, desenharam sobre si mesmas; caracterizaram corpos de bonecas e bonecos nos tamanhos de bebê, criança e pré-adolescentes como meninas e meninos. Para isso, se utilizaram de canetas para escrever em tecido e roupas variadas e de diversas cores, acessórios, sapatos, roupas íntimas e bijuterias.

Além disso, utilizamos a leitura de um livro chamado “Ceci tem pipi?” de Thierry Lenain (2004). Este livro conta a história de Ceci que começa a estudar na mesma escola em que Max estuda. Max, antes de conhecer Ceci, dividia o mundo entre as pessoas “com pipi” e as pessoas “sem pipi” e diferenciava o que cada um deveria fazer tendo pipi ou não. Ele fica curioso em conhecer a Ceci, uma menina que desenhava mamutes, que só os meninos desenhavam; subia em árvores, batia nos meninos. Dessa maneira, Max passou a pensar que Ceci tinha pipi, pois ela fazia coisas que só os “com pipi” faziam. A partir da, Max começa a investigar se Ceci tem “pipi” e percorre uma empreitada para descobrir isto. Mas, no dia em que Max viu que Ceci tinha “perereca”, ele entendeu que às meninas nada faltava, só havia diferenças.

Antes de iniciarmos os encontros com as crianças, a direção da instituição foi informada sobre o projeto e solicitamos a autorização para a realização da pesquisa. O vínculo com a instituição já havia sido estabelecido porque a pesquisadora já atuou profissionalmente como psicóloga na instituição. Em seguida, foi solicitada a assinatura das/os responsáveis pelas crianças, para isso apresentamos os objetivos, bem como os materiais a serem utilizados nos encontros com as crianças. As crianças também assinaram o documento aceitando participar. Todas aceitaram participar da pesquisa e foram informadas que seria importante conhecer o que elas sabiam sobre as diferenças entre os corpos de meninas e meninos, por meio de atividades como desenhar e conversar.

Para realização da pesquisa de campo contamos com a participação de três colaboradoras, uma graduanda do curso de Pedagogia e duas do curso de Psicologia. Cada

¹ Quando a pessoa possui duas ou mais deficiências.

membro da equipe teve funções específicas na coleta das informações. A pesquisadora coordenava as atividades com as crianças e monitorava o uso de um gravador de voz, duas colaboradoras transcreviam em fichas de campo as falas das crianças e monitoravam também, cada uma, o uso de um gravador de voz. Além disso, outra colaboradora tirava fotografias das atividades e registrava as falas de todo grupo em fichas de campo.

Os encontros foram realizados três vezes por semana, a partir do início do mês de dezembro, totalizando seis encontros. Eles aconteceram no período matutino, após o horário de lanche da escola, começando às 09h45min horas da manhã. As atividades duraram em média de 45 a 50 minutos. O local para a realização das atividades começou inicialmente na sala da brinquedoteca e depois migrou para sala de reuniões da instituição.

O primeiro encontro foi destinado para uma apresentação inicial e neste primeiro dia as crianças desenharam sobre quem consideravam ser. No segundo encontro foram apresentados às crianças os corpos dos bebês que, inicialmente não tinham identificação de nenhuma parte do rosto e do corpo, inclusive dos órgãos sexuais. Quando as crianças puderam se expressar com desenhos, foi possível perceber que elas desenharam corpos de personagens sexuados.

O objetivo das atividades com as bonecas e os bonecos foi para as crianças as/os caracterizarem como meninas e meninos. A cada dia, foram apresentadas/os bonecas e bonecos em diferentes tamanhos: bebê, criança e pré-adolescente. No segundo encontro, as crianças caracterizaram a bebê menina e o bebê menino, o grupo de meninas desenhou um menino e o grupo de meninos desenhou uma menina. Já, no terceiro encontro, as crianças começaram a criar histórias para as personagens bebês e também desenharam corpos de um menino e uma menina.

No quarto encontro, houve a leitura do livro “Ceci tem pipi?” de Thierry Lenain (2004) e perguntas foram feitas para as crianças sobre as diferenças entre os corpos de meninas e meninos. Além disso, nesse dia, as bonecas e os bonecos no tamanho de crianças foram caracterizadas/os como menina e menino e as crianças continuaram a criação de histórias para as personagens representadas pelas bonecas e bonecos. No quinto encontro, as crianças desenharam em folhas sulfite os corpos de meninas e meninos pré-adolescentes e vestiram os corpos das bonecas e dos bonecos nessa faixa média de idade. Ao final, no sexto encontro, todas as bonecas e bonecos de todos os tamanhos: bebê, criança e pré-adolescente, estiveram presentes para que as crianças pudessem terminar as histórias das personagens.

A proposta da criação de histórias para as bonecas e bonecos possibilitou que as crianças falassem sobre algumas de suas representações sobre corpo e gênero. Tanto a

personagem menina quanto o personagem menino gostavam de jogar bola, andar de bicicleta, soltar pipa, andar de patinete, andar de carrinho e namorar. Além disso, a menina gostava de nadar e o menino brincar de esconde-esconde e jogar futebol. Portanto, sobre as atividades que as personagens gostavam, foi possível identificar que as brincadeiras de meninos e meninas eram similares para os dois gêneros. Outro aspecto a ressaltar é que houve mais exemplos sobre brincadeiras que tanto meninas como meninos poderiam brincar. A resistência maior foi encontrada no momento dos meninos falarem sobre brincar de boneca.

Uma das alunas disse que menina não gostava de brincar de panelinha e menino não gostava de brincar de carrinho. Outra aluna não concordou dizendo que menino gostava de brincar de carrinho e menina gostava de brincar de panelinha. A primeira aluna retrucou dizendo que ela mesma não gostava de brincar de panelinha e que seu irmão não gostava de brincar de carrinho. Estas constatações divergem do que é usualmente referido como brincadeiras de menina e menino. Esta aluna, inclusive, quando desenhou sobre ela mesma comentou: “meu sonho é ser menino”, porque assim ela poderia ir para a Marinha.

Para o futuro do personagem menino, as crianças escolheram a profissão de caminhoneiro. Além disso, o personagem seria da Marinha e do Quartel, como é muito comum neste município, pois ali existem sedes da Marinha e do Exército. Esta é uma referência para as crianças da cidade, em sua família, provavelmente deve ter alguém que seja destas instituições. Para as duas personagens, as crianças escolheram o pertencimento à classe social mais abastada.

O conceito de gênero, utilizado nesta pesquisa para pensar as concepções das crianças, problematiza a posição binária e dicotômica de vivenciar o feminino e o masculino, abarcando as múltiplas possibilidades de constituição das feminilidades e masculinidades (LOURO, 2011). Este conceito foi elaborado pelos Estudos Feministas, os quais destacam que as representações acerca dos gêneros são construções sociais permeadas por relações de poder que promovem determinadas formas de se expressar como mulher e como homem (LOURO, 2011). Louro (2011) propõe repensar as representações essencialistas sobre os gêneros, indicando que estas representações estão em processo de transformações e recriações sociais.

Sendo as relações de gênero produzidas socialmente, elas podem ser transformadas, transmutadas, ou seja, podem adquirir outras feições que não aquelas veiculadas hegemonicamente (LOURO, 2011). E isso pode ser encontrado nas produções das crianças nesta pesquisa. É possível ver que as crianças podem, tanto reproduzir os discursos com relação às identidades de gênero veiculados hegemonicamente, como criarem modos diversos

de ser menino e menina. Assim, é possível falar que as criações infantis podem divergir das representações hegemônicas do que é feminino ou masculino, apresentando outros modos de vivenciar as feminilidades e as masculinidades.

REFERÊNCIAS:

GONZALEZ, R. K. **Encaminhamentos de meninas e meninos para a sala de recursos**. In: FAZENDO GÊNERO, 9, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/.../1278377489_ARQUIVO_RoseliK.Go...> Acesso em: 03 mar. 2013.

LENAIN, T. **Ceci tem pipi?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.